



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Dombro, 88-A.2.º  
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegraphico: Tãhoba-Lisboa • Telefone 5339 O  
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## A estrutura jurídica das cooperativas

Entre as várias formas de cooperativas, a cooperativa mista (de consumo, produção e crédito) é, sob o ponto de vista jurídico, a mais característica. O direito baseia-se na igualdade e uma cooperativa será tanto mais jurídica quanto mais perfeita for a igualdade dos direitos subjectivos dos seus associados. A simples cooperativa de produção é uma contradição deste preceito jurídico.

Podemos conceber, na verdade, uma cooperativa de produção, que seja apenas uma sociedade de produtores, sem o concurso de outros elementos e em que a distribuição dos benefícios se faça equitativamente pelos associados. Uma tal forma de cooperativa, adia, certo ponto, admitir-se, se bem que produzindo não apenas para os sócios mas para o público consumidor, este não ficaria defendido da elevação de preços, da adulteração das mercadorias com que esse grupo privilegiado de produtores poderia pretender aumentar os seus proventos; mas na prática as cooperativas de produção tem essencialmente uma forma capitalista, em que o produtor nem às vezes é sócio da cooperativa e, quando o é, tem de reconhecer direitos aos lucros de produção a indivíduos que nada produzem.

A parte das desvantagens do seu ponto de desenvolvimento, a cooperativa de produção defensiva dentro do direito seria a cooperativa de produtores que entre si dividissem, não os lucros da exploração na venda ao público, mas os próprios produtos. Mas uma tal cooperativa seria também fundamentalmente uma cooperativa de consumo, função a que aliás não pode furtar-se nenhuma cooperativa. A fusão de grande número de cooperativas desta natureza, de produção dividindo só pelos sócios dos produtos, seria o verdadeiro modelo duma cooperativa, que nesse caso seria também de consumo. E, na verdade, uma cooperativa é essencialmente uma sociedade de consumidores, isto é, portadores de direitos que se resumem numa satisfação de necessidades.

A função jurídica da cooperativa é assegurar a cada um dos seus associados, esse direito à satisfação das necessidades, de onde resulta que a estrutura jurídica das cooperativas, o seu funcionamento sob o ponto de vista das relações meramente jurídicas, está intimamente ligados com a situação geográfica, política e social do país e com a natureza dos actos de ordem técnica de troca ou de produção e a Cooperativa realiza tanto mais completamente o seu fim jurídico quanto, sob o ponto de vista técnico, mais perfeita for a sua acção.

Para organizar uma cooperativa bem penetrada do seu fim social e jurídico, temos, pois, de atender às condições de economia e qualidade dos géneros, rapidez e oportunidade da sua distribuição e ainda às circunstâncias do meio físico e social onde vai acção e de que vai por sua vez sofrer uma determinada influência.

Uma cooperativa é fundamentalmente uma sociedade de consumidores, dissemos. Esses consumidores associam-se para melhor satisfazerem as suas necessidades — seu objectivo económico. Defendem-se da especulação de intermediários e organizam colectivamente o consumo, para assim obterem uma maior vantagem económica. Devido ainda a este preceito de ordem económica é que aos mesmos consumidores se impõe como necessidade a organização da produção, para suprir a especulação capitalista e reduzir o preço do produto apenas ao preço da matéria prima, do meio de obra e despesas de transporte, quer isto dizer que uma cooperativa, exclusivamente de consumo, não satisfará tão perfeitamente o seu objectivo como se tiver uma esfera de acção económica mais vasta, sendo também uma cooperativa de produção.

Mas, para organizar a produção e torná-la vantajosa, sob o ponto de vista do preço, para os sócios das cooperativas é necessário garantir uma laboração permanente, aproveitar os aperfeiçoamentos dos maquinismos modernos, realizar a economia industrial, fazendo o trabalho em séries para tornar a mão de obra mais barata em relação a cada objecto produzido. Daqui resulta já que a produção organizada por uma cooperativa necessita duma grande massa de consumidores. Se a cooperativa abrange um número de sócios suficiente para absorver a produção, esta não sairá do âmbito de cooperativa. Mas, se assim não sucede, terá de ir buscar fora outros consumidores. Mas, em relação a esses consumidores estrangeiros à cooperativa, podia suceder que se exercesse uma especulação capitalista por parte da cooperativa e assim a distribuição da produção pelos sócios da cooperativa, e só por esses, tendo uma base de igualdade e abstrahida toda a especulação capitalista, seria feita mais em harmonia com a função jurídica e social da cooperativa. Portanto, uma das consequências da industrialização cooperativa aliada ao espírito jurídico que deve inspirar todo o cooperativismo é que cada cooperativa deve abarregar um número apreciável de sócios, isto é, de consumidores, e que a cooperativa ideal será aquela cujos sócios produzam e consumam toda a produção. Essa cooperativa ideal seria organizada por forma que os seus sócios fossem ao mesmo tempo consumidores e produtores, formando como consumidores a assembleia da cooperativa e como produtores sendo dentro das respectivas secções empregados, executantes técnicos da produção. Era possível mesmo, dentro do mecanismo social, suprir a própria função e circula-

ção da moeda, sendo aos sócios dessa cooperativa assegurados os direitos de sócios na sua qualidade de consumidores e cumprindo os seus deveres de sócios na sua qualidade de produtores. Em vez do pagamento duma cota e de qualquer quantia em dinheiro para a satisfação do seu consumo, a sua prestação seria dada em trabalho.

Nessa cooperativa ideal — da qual se devem procurar aproximar tanto quanto possível, quanto à sua constituição, todas as cooperativas a organizar — suprimir-se-ia assim também um elemento de especulação — a exploração dos produtores, visto que estes, sendo sócios e consumidores, teriam a possibilidade de evitar tal exploração, conseguindo-se a coordenação de todas essas forças produtoras por forma a realizar-se um consumo segundo as necessidades de cada um e uma produção segundo as suas forças.

Dadas as nossas tradições municipalistas e tendo sido através de séculos os concelhos verdadeiros núcleos económicos e políticos com vida própria, respectivas vias de comunicação, e constituindo centros sociais, entendemos que a área de cada uma dessas novas cooperativas de grande desenvolvimento comercial e industrial deve ser o concelho. Essas cooperativas deverão estabelecer oficinas de produção e armazéns de venda nos locais onde julgarem conveniente e dentro da respectiva área, entendendo-se com as cooperativas de outros concelhos para o abastecimento de géneros que não produzam e trocando, por sua vez, com elas o excedente da sua produção. Daqui resulta a necessidade das cooperativas se entenderem para metodiarem as suas indústrias, por forma que cada cooperativa escolha um género de produção industrial que possa servir de elemento de troca com as outras, aparte a produção agrícola e toda a de consumo local.

Quer isto dizer que as cooperativas não podem nem devem viver isoladas e temem todo o interesse em solidarizarem os seus esforços e entenderem mutuamente, por meio de congressos cooperativos, em que se estabeleçam as condições da sua acção e sobriedade federativa de todas numa organização nacional, por sua vez ligada à organização internacional das cooperativas.

Sendo, sob o ponto de vista económico e jurídico, o regime da cooperativa preferível na organização do comércio e da indústria a qualquer outro dos que tem sido postos em prática, deve preconizar-se a adaptação gradual e progressiva de toda a vida económica a esse regime. Mas, porque a cooperativa não é senão uma sociedade de consumidores para a satisfação das suas necessidades, quando, pelo desenvolvimento das cooperativas, se der a absorção da maior parte da população, a cooperativa tornar-se há de facto e de direito na organização social futura, abrangendo todas as manifestações da actividade, inclusive a execução dos próprios serviços públicos. As cooperativas incumbem a gradual e progressiva colectivização do trabalho e das riquezas, por forma que todos os consumidores sejam os verdadeiros possuidores das terras, fábricas, vias de comunicação e dos próprios produtos, tudo quanto constitui o património social, só eles tendo o direito de dele dispor e sendo atribuído aos técnicos, pelas suas organizações e pelos seus congressos, a metoidização do trabalho, para o tornar mais produtivo, mas sempre sob a fiscalização e administração das respectivas cooperativas.

Esse deve ser o objectivo ideal das cooperativas, do qual deverão procurar desde já aproximar-se tanto quanto possível. Mas, como a vida económica não pode transformar-se de repente, segundo um modelo pre-estabelecido, devemos contar com a actual organização cooperativa, preferindo conservar as actuais cooperativas, a violentá-las, porventura contribuindo para que elas desapareçam.

Não ou outro conceito é possível que a vida social tome o aspecto que preconizamos e isso sirva de incentivo para modificar a organização cooperativa. Mas enquanto isso se não der incumbem à direcção da Federação das Cooperativas a missão de ir preparando pouco a pouco as condições próprias para a eclosão do cooperativismo futuro, mais completo e desenvolvido, impulsionando todas as obras de interesse colectivo para os sócios de todas as cooperativas, sem distinção, dentro das respectivas áreas, como escolas, locais de diversão, armazéns de venda e o próprio serviço de transportes e tudo quanto possa tornar mais fácil e agradável a vida. Mas, à medida que se for robustecendo a organização cooperativa, deve a direcção da Federação ir confiando a cada cooperativa a administração dos serviços que haja criado e promovido dentro da respectiva área.

Resumindo: Cada cooperativa deve abarregar uma área apreciável e comportar um número relativamente grande de sócios, sem distinção de classes. A área de cada cooperativa deve ser o concelho. Sendo o objectivo da cooperativa a satisfação das necessidades dos seus associados, deve acabar por abarregar cada cooperativa e a Federação todas as manifestações de actividade social dentro dos concelhos e da nação. A estrutura geral da organização das cooperativas deve ser baseada num definido espírito descentralizador e num mesmo tempo federalista, em que sejam equilibrados os interesses individuais e colectivos. Todas as reformas e modificações a realizar na organização coo-

perativista devem ter um carácter de transição gradual e progressiva.

### CONCLUSÕES:

1.ª Toda a cooperativa deve ser, tanto quanto possível, completa, sendo ao mesmo tempo de consumo, produção e crédito.

2.ª Deve poder abarregar como sócios todos os consumidores duma determinada área, sem distinção de profissões.

3.ª A área de cada cooperativa deve ser normalmente o concelho.

4.ª As cooperativas devem reunir-se numa federação nacional, que, por sua vez, se ligará à federação internacional.

5.ª Um dos direitos e deveres resultantes desse acto é ser em qualquer cooperativa, para efeitos de consumo, e sempre que isso não contenda com os seus estatutos, reconhecido ao sócio de outra cooperativa federada, que se encontrar, embora acidentalmente, na área daquela, direito igual ao dos sócios, podendo mesmo, se desejar permanecer na área servida pela cooperativa, transferir para esta o capital que tinha na outra, o que tudo se fará por uma simples operação burocrática entre as duas cooperativas.

6.ª Juridicamente representará a Federação uma direcção, mas as cooperativas podem entre si estabelecer relações comerciais independentemente da interferência dessa direcção.

7.ª O excedente da produção duma cooperativa que não possa ser consumido pelos seus sócios por se tratar de indústria que precise de grande desenvolvimento será fornecido a outras cooperativas federadas, em condições de preço que lhes permitam fornecer os seus sócios pelos preços por que a cooperativa produtora fornece os seus e apenas com o acréscimo das despesas de transporte e quebras.

8.ª O objectivo das cooperativas é a satisfação das necessidades dos seus associados. E' pois limitado como elas e abrange não só a satisfação das necessidades materiais e triviais da vida económica, como mesmo as de ordem moral.

9.ª A medida que as cooperativas forem tendo maior desenvolvimento deverão obter das camaras municipais e da Federação das Cooperativas do Estado a concessão da execução da maior parte dos serviços públicos.

10.ª Devem manter-se e facilitar-se-lhes a sua vida económica as cooperativas existentes mesmo que não modifiquem a sua constituição, mas é conveniente conseguir-se que em cada concelho alguma delas adopte para o seu estatuto estas bases e criar naqueles de iso não seja possível uma cooperativa assim constituída.

11.ª A direcção da Federação deverá instalar de sua conta nos concelhos onde haja várias cooperativas, e onde não haja possível fundi-las numa só, armazéns de venda em locais onde as cooperativas os não tenham e estes armazéns deverão fornecer indistintamente dentro da sua área os sócios de todas as cooperativas, podendo criar também para o abastecimento desses armazéns e dos das cooperativas oficinas de produção.

12.ª A guarda, conservação e administração desses armazéns e oficinas podem ser confiados por delegação a uma das cooperativas, devendo ser preferida a que mais se ajuste a estas bases.

13.ª A direcção da Federação deverá elaborar um modelo de Estatutos para a constituição de novas cooperativas.

14.ª Deve reclamar-se para as cooperativas que na sua organização adoptem estes preceitos o reconhecimento como instituições de utilidade pública para o efeito de expropriação de imóveis e outros.

Campos LIMA

### CONFERENCIAS

**Universidade Popular Portuguesa**  
Realiza-se hoje, pelas 21 horas e meia, a 3.ª conferência sobre *As instituições de Medicina social* pelo dr. sr. João Camoazes.  
A entrada é pública.

### Obras a taipal

Tem-se continuado a debater, na Secção Provisória dos Pedreiros, as obras a taipal. A comissão que trata do assunto, já conseguiu, em virtude dos seus esforços, colocar 20 pedreiros que estavam desempregados, evitando também o despedimento de outros, porquanto bastantes construções se deixam de fazer por aquele sistema.

### Horário de trabalho NO SEIXAL

**Manufactureiros de Lanifícios de Arrentela**

SEIXAL, 9. — Promovida pela União dos Sindicatos Operários local, realizou-se na Associação de Classe dos Manufactureiros de Lanifícios de Arrentela uma sessão de propaganda pró-8 horas. Falaram Manuel Tavares Júnior, o secretário geral da U. S. O., João Teixeira, Hermenegildo Cambalacho, António Fernandes e Vitor Martins, delegado da Federação da Construção Civil.

A sessão esteve muito concorrida, sendo no final levantados vivas a C. G. T., U. S. O., Batalha, organização operária, etc.

### Os assambarcadores e a baixa de câmbio

A sensível melhoria de câmbio que, nestes últimos dias, se tem acentuado, traz, ao que parece, as honestas e patrióticas forças do olho vivo da nação assustadas e tomadas de receio.

Conta-se que o celebrado assambarcador Alfredo, da Silva aboradando, numa entrevista com o presidente do ministério, o problema câmbial dissera:

A brusca e a sucessiva melhoria dos câmbios é um perigo e requer a atenção e um entrave por parte do governo. O salto repentino da divisa câmbial vai causar grandes prejuízos na prática, e podendo subverter muitas casas comerciais e arruinar pequenas fortunas particulares.

E, um grande coração do deste homem! Sempre humanitário e desinteressado o sr. Alfredo da Silva Vejamos com ele se desinteressada de si próprio, dos que tem grande fortuna, para pensar só na triste sorte que espera aos particulares de pequena fortuna!

Mas é digna também de respeito a resposta que se diz ter dado ao celebrado assambarcador o sr. Tomé de Barros Queiroz:

— Bem sei. São vinte, trinta mil portugueses que serão prejudicados. Mas é a salvação do país. Se não se libertam duma vida difícil e angustiosa a que durante alguns anos estiveram sujeitos, por vários motivos, um deles as grandes especulações que se fizeram.

Muito bem e bem bonita a resposta. E' esplendida e oportuníssima em vespasas do acto eleitoral...

### Caricaturas revolucionarias

Há tempo foi o mancebo *Diário de Lisboa*, Desenhada por Sanches de Castro, uma pedra de domínio, carido ou dobro de sena como queiram, tendo escrito dum lado ordem do outro desordem. Por cima da pedra, as iniciais G. N. R., lendo-se numa extremidade *sufocação* e na outra *revolução*. Por título *O jogo de agora e como legend*.

## AS GREVES

### Pessoal da Carris

Reunido ontem, delibera prosseguir no seu justo movimento

Reúniam ontem em sessão magna, às 15 horas, os nossos camaradas da Carris. Diversos oradores exortam a classe a manter a máxima solidariedade, tendo o camarada Rôxine protestado contra os que se encontram dentro da Companhia exercendo o papel de traidores, protesto este extensivo àqueles que declaram reitram-se se lá fosse uma comissão, querendo assim simular que estão pelo lado dos grevistas, ao mesmo tempo que procuram agradar à companhia.

Pela comissão de melhoramentos fala o camarada Armando Martins, que descreve as *démarches* efectuadas e que não leem dado resultado satisfatório. Diz estar convencido de que a melhoria da vida é fictícia e mesmo que não fosse, os argumentos evitariam que essa melhoria continuasse, para melhor espalhar com a miséria do povo.

Carlos Fortes exorta a classe a cumprir os seus deveres de solidariedade. No meio do maior entusiasmo foi deliberado manter as reclamações apresentadas, e prosseguir na greve até completa vitória, sendo em seguida encerrada a sessão, entre entusiásticos vivas à greve, C. G. T., U. S. O. e a Batalha.

### Nota officiosa do comité

O Comité Central, dirigente do movimento, apela para a solidariedade de todo o pessoal e pede calma e serenidade, visto ter a convicção de que a vitória da classe se aproxima.

Dismantando categoricamente os boatos de que o pessoal se encontra mancomunado com a companhia, desafia seja quem for a provar a veracidade de tais afirmações e torna público que a consciência da classe que representa não se vende a políticos ou capitalistas, inimigos confessos do proletariado organizado.

### Classes gráficas

Vão, enfim, entabolar-se as negociações?

Continuam firmes na luta encetada pró-aumento de salário os nossos camaradas gráficos das casas de obras.

A comissão de *démarches* tomou conhecimento do comunicado da Confederação Patronal, em que declara pretender entabolar negociações com as respectivas associações de classe. Embora nada de oficial lhe haja chegado às mãos, e não havendo desprimor nas pretensões da C. P., nem querendo prolongar por mais tempo um conflito que a todos prejudica, a comissão de *démarches* convoca a assembleia magna para amanhã, às 15 horas, a fim de se tomar resolução.

Que ninguém falte.

### Fundidores da fábrica Street

Um apelo do Sindicato Unico Metalúrgico

O Sindicato Unico Metalúrgico exorta toda a classe a cumprir o seu dever de solidariedade para com os seus camaradas fundidores da fábrica Street, em greve.

Hoje, sábado, nenhum metalúrgico deve negar-se a contribuir para que aqueles camaradas não sucumbam ante a acção da Confederação Patronal, que foi ao ponto de recomendar a todos os industriais metalúrgicos que não deem trabalho nas suas oficinas aos grevistas.

### de G. N. R. ou o domínio para os dois lados.

Mas mais bo'xevista ainda era o desenho de João Guerreiro, publicado há poucos dias na ultra conservadora *A Patria*: Dois gigantes na República e o Trabalho, perguntavam-se:

— O que é aquilo lá em baixo? ... o formigueiro dos inuteis.

E o formigueiro dos inuteis era constituído por meninos chics, e mulheres mundanas, militares e fadistas, um tipo de revolução civil e frequentadores de café!

Na impossibilidade de reproduzirmos os dois bons trabalhos de Sanches de Castro e João Guerreiro, deixamos aqui indicados aos que os quiserem apreciar, os números dos jornais que os inseriram: *Diário de Lisboa* n.º 48, de 1 do corrente e *A Patria* n.º 516, de 7 p. p.

E' um reclamo à borta que com gosto fazemos, como homenagem aos felizes caricaturistas.

**Sindicalismo tauromáquico**  
Pois é verdade. Os toureiros também vão associar-se, para a defesa dos seus interesses. Apesar de ser uma classe condenada a desaparecer à medida que os povos se foram educando — pois só a educação da sacristia e da caserna, que converte o homem em fera, é que permite a existência de tal profissão — achamos bem que os toureiros se associem para se defenderem dos empresários que os exploram.

Com este seu propósito defez-se, em parte, a conhecida definição de toureira: um espectáculo feito por brutos, com brutos e para brutos. Associando-se, os toureiros mostram que não são tam brutos como os imaginamos. E se aos pobres touros, lhes fosse permitidos, pela constituição da república, associarem-se também para se defenderem dos que os martirizam, verificar-se-ia que, afinal, dos três — toureiros, touros e público — o único bruto é este último.

## AS GREVES

### Pessoal da Carris

Reunido ontem, delibera prosseguir no seu justo movimento

Reúniam ontem em sessão magna, às 15 horas, os nossos camaradas da Carris. Diversos oradores exortam a classe a manter a máxima solidariedade, tendo o camarada Rôxine protestado contra os que se encontram dentro da Companhia exercendo o papel de traidores, protesto este extensivo àqueles que declaram reitram-se se lá fosse uma comissão, querendo assim simular que estão pelo lado dos grevistas, ao mesmo tempo que procuram agradar à companhia.

Pela comissão de melhoramentos fala o camarada Armando Martins, que descreve as *démarches* efectuadas e que não leem dado resultado satisfatório. Diz estar convencido de que a melhoria da vida é fictícia e mesmo que não fosse, os argumentos evitariam que essa melhoria continuasse, para melhor espalhar com a miséria do povo.

Carlos Fortes exorta a classe a cumprir os seus deveres de solidariedade. No meio do maior entusiasmo foi deliberado manter as reclamações apresentadas, e prosseguir na greve até completa vitória, sendo em seguida encerrada a sessão, entre entusiásticos vivas à greve, C. G. T., U. S. O. e a Batalha.

### Nota officiosa do comité

O Comité Central, dirigente do movimento, apela para a solidariedade de todo o pessoal e pede calma e serenidade, visto ter a convicção de que a vitória da classe se aproxima.

Dismantando categoricamente os boatos de que o pessoal se encontra mancomunado com a companhia, desafia seja quem for a provar a veracidade de tais afirmações e torna público que a consciência da classe que representa não se vende a políticos ou capitalistas, inimigos confessos do proletariado organizado.

### Classes gráficas

Vão, enfim, entabolar-se as negociações?

Continuam firmes na luta encetada pró-aumento de salário os nossos camaradas gráficos das casas de obras.

A comissão de *démarches* tomou conhecimento do comunicado da Confederação Patronal, em que declara pretender entabolar negociações com as respectivas associações de classe. Embora nada de oficial lhe haja chegado às mãos, e não havendo desprimor nas pretensões da C. P., nem querendo prolongar por mais tempo um conflito que a todos prejudica, a comissão de *démarches* convoca a assembleia magna para amanhã, às 15 horas, a fim de se tomar resolução.

Que ninguém falte.

### Fundidores da fábrica Street

Um apelo do Sindicato Unico Metalúrgico

O Sindicato Unico Metalúrgico exorta toda a classe a cumprir o seu dever de solidariedade para com os seus camaradas fundidores da fábrica Street, em greve.

Hoje, sábado, nenhum metalúrgico deve negar-se a contribuir para que aqueles camaradas não sucumbam ante a acção da Confederação Patronal, que foi ao ponto de recomendar a todos os industriais metalúrgicos que não deem trabalho nas suas oficinas aos grevistas.

## Congresso regional das Beiras

DE LISBOA A VISEU

### Em Coimbra: um almoço e um ra visita à cidade e uma excursão aos arredores

(Do enviado especial da BATALHA)

AVEIRO, 8, às 24. — Partimos de Lisboa às 8.30. Dia sombrio. Até Coimbra sem novidade.

Na cidade universitária esperavam-nos algumas individualidades de destaque da cidade. Entusiasmo pouco; curiosos, alguns. Escrevo em estilo cinematográfico, porque esta viagem até Aveiro decorreu com a velocidade dum filme de Cheri-bi-bi. Uma vez chegados a Coimbra tiveram a feliz ideia de nos dar de almoçar no Coimbra Hotel. Congressistas e jornalistas ficaram entusiasmados com a gentileza dos coimbrões.

Sem mais delongas atiramos-nos ao almoço com vontade. Os almoços deste género são como todos os almoços deste género: bem servidos de manjares e de discursos.

No final, nos brindes inevitáveis, falaram o sr. governador civil, que foi dum cavite gentil para todos nós — o sr. governador civil, que se chama dr. José Cardoso.

Ah! esquecia-me um pormenor: as damas de Coimbra, cujos nomes ocultaram, ofereceram à imprensa um ramo de flores admiráveis. Todos nós lam-nos não conhecer o nome dessas damas. Serão as damas desconhecidas...

Continuemos: depois do sr. governador civil falaram o dr. sr. José Alberto Reis, reitor da Universidade, Paulo Freire, em nome dos jornalistas, e o sr. Bartolomeu Severino.

Após o almoço, que decorreu delicioso, porque não meteu vivas à patria, nem à república, nem mesmo uma leve sombra da *Portuguesa*, bastantes automóveis esperavam alguns congressistas e jornalistas (estes em grande número). Conduziram-nos o automóvel à Universidade. O jornalista da *Batalha* teve por prestável cicerone o sr. Fausto Gonçalves, pintor que entusiasmou Lisboa, com a sua exposição realizada no ano passado.

Depois da visita à Universidade, visitámos o Museu Machado de Castro, cujas colecções arqueológicas: escultura, cerâmica, tapeçaria persa, e pintura, entusiasmaram todos os visitantes.

O representante da *Batalha* felicitou particularmente a figura original e cativante do grande artista António Augusto Gonçalves, pelo trabalho tenaz de toda a sua vida em prol da arte.

Depois de deixarmos o museu, talvez o mais rico e atraente de Portugal, levamos-nos o automóvel a alguns arredores de Coimbra, de panorama maravilhoso.

Em seguida o mesmo automóvel levou-nos à estação. Abandonámos Coimbra com destino a Aveiro, com a impressão de que Coimbra é uma grande cidade, pelo porte popular, pela civilização apurada de século para século, que rapidamente entramos, e pela paisagem enfeitecedora e poética que a rodeia.

Largando daqui às 18 horas chegámos a Aveiro às 20.

### De Aveiro, os jornalistas partem sem levar saudades

A' nossa chegada a filarmónica da cidade tocou e acomodou-nos até ao Hotel Aveirense. Foguetes e morteiros estalarão no ar em estrondos alegres e provincianos.

Após breve descanso dirigimo-nos à Câmara Municipal, onde se realizou uma sessão solene. Acorreu bastante povo por curiosidade; mas a recepção não teve o mesmo carinho e delicadeza que em Coimbra, apesar de aqui não haver nem filarmónica nem foguetes.

Morreu recebido friamente. Na Câmara falaram o presidente desta, Bartolomeu Severino, Fausto Figueiredo, que disse banalidades e Paulo Freire, em nome dos jornalistas, sem que eu, jornalista, tivesse sido consultado sobre a minha aquiescência a que ele falasse em meu nome.

Dirigimo-nos, alguns minutos antes das nove horas da noite, à estação telegráfica a fim de enviarmos algumas comunicações para os jornais da manhã. O empregado, o camarada empregado, atendeu-nos com sete pedras na mão. Quis sujeitar os nossos telegramas a demora, o que lhe fazia perder o efeito de telegramas. Por fim, acordámos todos em não telegrafar, protestando publicamente contra o caso. Peço que publiquem o protesto.

Jantámos no hotel. O pão é mal cozido, a luz é escassa; o serviço deficiente. Estamos descontentes com Aveiro, que sonhávamos mais acolhedor.

Depois de jantar, fomos ao teatro ver palhaçadas do Alegriem que está por cá e vai esta manhã não sei para onde em *tournee*. Aveiro tem uma iluminação pior do que a lisboeta, isto é, não tem iluminação pública.

Partimos amanhã, dia 9, às nove da manhã, para Viseu.

### A caminho de Viseu

VISEU, 9. — Deixámos Aveiro pelas dez horas, sem saudades, porque não correspondia esta cidade ao que quisíamos idealizarmos.

Tomámos o comboio que nos devia transportar até Viseu. O trajecto é delicioso. O célebre Vale do Vouga deu-nos deslumbramentos.

Quasi todas as estações estavam lindamente ornamentadas e apinhadas de povo beirão, que saíam aos congressistas e a imprensa, nos breves minutos que nos demorávamos.

Em Sarnadas, onde a paragem foi maior, havia grande animação. A estação de caminho de ferro, plena de ca valheiros e senhoras, ofereceu-nos abrigo por alguns minutos bem passados.

Em Ribeirão houve grande entusiasmo. A filarmónica desta povoação encantadora tocou o hino nacional e as crianças da escola desta localidade entoaram várias canções.

Em Pinheiro de Lafões a recepção foi igualmente calorosa, estalando o morteiro alegremente no ar. Outro tanto aconteceu em Oliveira de Frades e S. Pedro do Sul.

### A chegada a Viseu é imponente — A cidade em peso espera os congressistas

Em Viseu, pitoresca cidade, caracterizada e bela, o povo esperava-nos com ansiedade.

O comércio encerrara as suas portas às 15 horas, de forma que pelas 16 horas, quando chegámos, a estação estava literalmente cheia.

O presidente do Senado Municipal, governador civil, autoridades civis, militares, bombeiros municipais, estudantes do liceu e outras agremiações fizeram-nos uma amistosíssima recepção.

Várias filarmónicas abrilhantaram o acto e o elemento feminino, verdadeiramente gentil nesta cidade, contribuiu bastante para suavizar o cansaço duma viagem de seis horas e duma noite mal passada em Aveiro, não por deficiências da comissão, que tem sido para conosco duma amabilidade extrema, mas porque Aveiro não tinha hotéis que comportassem tantos viajantes.

Pelas 17 horas, realizou-se nos passos da Câmara a recepção oficial e se saíu inaugural do Congresso Beira.

### Na Câmara Municipal — Um bispo que diz das suas

Apesar de na Câmara Municipal só terem entrado congressistas, jornalistas, convidados especiais e as



posto, seria, não o Pinheiro Maluco, mas o sr. Basílio Pereira, de Viseu. Basílio Pereira, se fosse velho e chamasse caninha a todo o mundo, seria o Pinheiro Maluco de Viseu. E com esta nota alegre foi encerrada a sessão.

A manhã realizou-se, pelas 9 horas da manhã, a primeira sessão do Congresso. Os trabalhos são esperados com grande interesse.

### Saram em honra dos congressistas

A noite, em honra dos congressistas, realizou-se um interessante saram no teatro Viriato.

Abriu o espectáculo o sr. governador civil do distrito, que fez um discurso leve e interessante sobre o espírito do povo da Beira, citando algumas quadras simples de Augusto Gil e outros poetas.

O dr. sr. Alexandre Belo recitou com graça e frescura algumas poesias de poetas da Beira, que mereceram o apêlo do público.

O teatro estava cheio. Muitas senhoras, lindas todas elas, porque não encontramos em Viseu uma mulher feia, estabeleceram um ambiente de afabilidade e de graça.

O poeta sr. Tomás da Fonseca, recitou versos da sua autoria.

É a peça regional Os Beirões, que, fazendo propaganda do congresso, não perde no entanto o sentimento beirão bem vincado na frase escultural e na música enternecedora, delicias os espectadores.

### Luminárias por toda a cidade—Movimento excepcional nas ruas

Viseu teve luminárias até altas horas da noite, o que, aliado à iluminação municipal, lhe dava um aspecto alegre e agradável.

Esta iluminação profusa faz-nos pensar coisas tristes acerca de Lisboa. Parece-nos que cidade tão escura como a capital, apenas existe a de Aveiro.

Esta noite de festa trouxe a população da cidade e arredores para as ruas, enchendo-as.

Os estabelecimentos estavam sobramente iluminados.

Leitarias e pastelarias, que não são aqui inferiores a muitas de Lisboa, estavam repletas até altas horas da noite.

Mário DOMINGUES

### Miguel Correia candidato a deputado?

Um categorico desmentido

O nosso camarada Miguel Correia enviou aos jornais *Steuo*, *Diário de Notícias*, *Mundo* e *Pátria* a seguinte carta:

Sr. Redactor.—No jornal que v. dirige apparece ontem publicada uma noticia a respeito do acto eleitoral em que o meu nome se acha envolvido, quando é certo que, tendo sido extrahido dos propósitos de candidatura de deputado pelo circulo de Setúbal, porque, mantendo-me coerentemente com os pontos de vista que sempre tenho defendido, toda a minha propaganda tem sido essencialmente revolucionaria. Não me tenho convencido de que se uma acção revolucionaria bem coordenada pode dar a classe operaria o triunfo da sua causa, eu espero da lealdade de v. e publico a presente carta que contém a declaração formal de que sou contrario ao intervencionismo parlamentar da classe operaria e por consequencia incapaz de aceitar qualquer offerecimento nesse sentido e muito menos apresentar ou defender qualquer programa a levar ao parlamento, como me foi attribuido por alguns jornais. Agradecendo, subscrevo-me de v. ven. e obg.—Miguel Correia.

### Organização das criadas

Tem sido profundamente distribuido um manifesto dirigido ás empregadas de hotéis e casas particulares e ao publico em geral, no qual se põe em relevo a situação humilhante em que tem vindo as chamadas criadas de servir, e transcendendo os artigos 11 e 16 do regulamento que lhes impõe a celebre castidade, a que largamente nos temos referido.

No mesmo manifesto são convidadas as interessadas para a assembleia magna que amanhã se effectua, pelas 14 horas, na Travessa dos Inglesinhos, 3, 1.º, para discussão do projecto de estatutos do seu sindicato.

A inscrição para associadas continua todos os dias, das 11 ás 18 horas, na sede indicada.

### Problemas sindicatistas

Núcleo de Lisboa.—Para continuação dos trabalhos pendentes, realizou-se, na assembleia geral que, entre outros assuntos, tratou da organização da sede das instalações do Núcleo, bem assim a situação em camaráda que se encontra preso um cárcere espanhol.

Resolvido nomear Raul Garrido para vogal da biblioteca e substituí-lo por David de Carvalho no cargo que occupava de secretário administrativo.

Por ultimo, foi nomeado secretário geral o camarada Ernesto Bonifacio em virtude do pedido de demissão do camarada Amílcar Sarmiento.

Comissão de propaganda.—Reunem hoje os componentes do grupo dramático e musical.

Comissão administrativa.—Reunem hoje, pelas 21 horas, os corpos gerentes.

### FACTOS DIVERSOS

Realiza-se amanhã, pelas 15 horas, no Teatro Nacional, e com a assistência do presidente da Republica, a abertura da exposição dos alunos do Instituto Feminino de Educação e Trabalho. As 14 horas realiza-se uma festa das flores, em benefício da Mutualidade Escolar Futuro.

### Festas de solidariedade

Por iniciativa de um grupo de amigos e socios, realiza o Grupo de Variedades Raul dos Santos Cruz, na próxima 5.ª feira, no Casino do Espinho, a festa das Flores, 22.ª, 1.ª, uma festa em favor do antigo Galvão, que se encontra doente. Os bilhetes encontram-se já a venda na sede do grupo na rua das Flores, 12, no Castelo, e no Largo de Santa Cruz, 3, no Castelo.

Trabalhadores: Lede e propagai a BATALHA

## O Primeiro Congresso Cooperativista

### Inaugurou-se ontem com pouca afluência de público

A socialização da terra é defendida por um importante lavrador do Minho

Na grande sala Portugal da Sociedade de Geografia de Lisboa, reuniu-se ontem o 1.º Congresso Cooperativista, vindo-se nele representadas numerosas associações de Lisboa, Porto e outros pontos do país.

Preside o dr. sr. António Luis Gomes, ministro do fomento do governo provisório da republica, primeiro representante diplomático deste no Brasil, presidente da assembleia geral da Federação das Cooperativas, por parte da Cooperativa Económica Doméstica do Porto. Tomam os lugares de 1.º e 2.º secretários os srs. dr. Vaz Ferreira, da Cooperativa do Funcionalismo, e Alberto Veloso de Araújo, da Cooperativa Agrária de Santo Tirso; de vice-secretários os srs. dr. Luis Passos, da Cooperativa Portuguesa de Campolide, e Adelino de Carvalho, da Cooperativa de Crédito Predial.

A ganância e a febre dos negócios — A intervenção nociva dos governos

O dr. sr. António Luis Gomes saíra a assistência e dá as boas vindas aos representantes das diferentes cooperativas, vindos de todos os pontos do país, para se occuparem da discussão do que reputa um dos pontos essenciais de economia nacional. Explica o que entende por cooperativismo, cuja principal acção no momento actual é de procurar uma defesa contra a ganância desmesurada de determinados exploradores, que de depois da guerra tem procurado assambar tudo. É triste verificar que professores, politicos, funcionários e até médicos e advogados, abandonaram as suas profissões para se entregarem a negócios de lucros imoderados, seguros. A própria modicidade, ao sair das escolas, pensa em negócios. É tempo de acordar a consciência portuguesa, para que ponha uma barreira a este terrível estado de coisas. Oponhamos ás revoltas, ás violências, uma luta de paz e bem, capaz de seleccionar os homens, por meio do cooperativismo, cujas vantagens explana. Pode a assembleia contar com a sua acção dedicada e digna, dando como melhor disse o seu passado, tanto na vida pública como privada. Está convencido de que se se tivessem cumprido os preceitos da Democracia de dar a cada um aquilo que lhe pertence, melhor estaria o nosso país. São esses preceitos os do cooperativismo, por isso devemos praticá-lo.

O orador, por muitas vezes interrompido com qüentes aplausos, historia a prodigalidade exhibida pelos que a grande guerra tornou ricos. Toda a gente se envergou para de ser pobre. Acabou-se com as magistades, com as cortas, hoje há centenas de umas e de outras. Verberou-se o governo pessoal; não há quem não procure hoje exercê-lo. Explicando o que sejam os bens principaes do cooperativismo, conclui que este não deve fazer outra politica que não seja económica.

Entre nós o cooperativismo achase no seu periodo inicial. É necessário desenvolvê-lo, criando caixas económicas, bancos populares e outras instituições similares, sem intervenção governamental, que não é necessária, mas nociva. Estamos no ponto essencial para fazer bom cooperativismo: o da Federação pela evidência as vantagens que dela resultam. Façamos o apostolado da Federação.

Saudações, elogios mútuos e saluações malleques

Antes da ordem do dia, o sr. João Rodrigues Caçô, por parte da Cooperativa de Crédito e Consumo do Pessoal Empregado na Indústria dos Tabacos, saúda o Congresso, fazendo votos pelos bons resultados dele.

Na mesma ordem de ideias se manifestam os srs. Fernandes Alves, delegado da Cooperativa da Sociedade da Voz do Operário; Botelho Moniz, pelos Sindicatos Agrícolas; Coutinho, pela Cooperativa Esperança; Manuel da Silva, pela União do Professorado Primário; António Rodrigues Graça, delegado da Cooperativa de Alcântara; Canhão Júnior, das Caldas da Rainha.

Usa depois da palavra o dr. sr. Reis Santos. Sente-se cheio de fé para a luta em que entrou há 41 anos, quando, por ocasião da celebração do centenário de Camões, se sentiu transformado e viu que se estabelecia um movimento nacional. Saída quantos lá se encontram, lamentando que sejam relativamente poucos e entre eles não se vejam os poderes públicos nem a chamada elite portuguesa.

Faz considerações amargas sobre essa falta e entra no assunto que se propõe tratar. A Federação das Cooperativas conseguiu realizar em menos de um ano, diz, uma coisa que nunca tinha existido no nosso país: uma força moral, isto é, conseguiu fazer do português o que ele nunca fora — uma pessoa. Faz o elogio do presidente do Congresso, que foi escolhido para esse cargo por ser um homem que representa um carácter. Não podemos acompanhar, como desejamos orador, nas suas largas e judiciosas explanações acerca dos males de que enferma o nosso país, dos quais o colectivismo será o unico remédio. Na sua longa peregrinação pelo Terreiro do Paço só encontrou um politico que o soubesse ouvir e se achia ali presente, o sr. Portugal Durão, ministro da agricultura na situação transaccata.

Este sr. agradece as referências e expõe á assembleia o que fencionava fazer ao assumir o cargo de ministro da agricultura.

Fala ainda o sr. Reis Santos, que cita o facto de assistir áquella assembleia o dr. sr. Betencourt Rodrigues, uma das maiores mentalidades do nosso país, cuja simpatia pelo assunto que se debate é manifesta.

O antigo ministro de Portugal em Paris agradece-lhe as palavras amáveis e diz que o cooperativismo deve ser encarado não só pelo seu aspecto economico como também pelo seu aspecto moral e educativo, fazendo a propósito varias considerações.

Em seguida foram interrompidos os trabalhos por espaço de meia hora, finda a qual se entrou na discussão da tese que forma a 1.ª secção. A F. N. C. nas suas relações com a actual situação da sociedade portuguesa, da autoria do dr. sr. Reis Santos. Esta tese não apresenta conclusões.

O orador diz que o Congresso, sendo soberano, as poderá tirar, em virtude da importância do assunto.

O sr. Manuel da Silva concorda plenamente com a tese e apresenta uma proposta considerando que ela corresponde superiormente á orientação geral que o cooperativismo deve seguir e já entre nós, que justifica com rara felicidade e flagráncia as causas dos males economicos e morais que nos affligem. Propõe que a tese seja aprovada por aclamação, ficando o relator plenamente autorizado a deduzir e redigir as conclusões nos termos que melhor lhe aprouver.

O sr. Archer Crespo, que também aplaude o trabalho apresentado, acha que deve fazer propaganda do cooperativismo de produção.

O dr. sr. Veloso de Araújo, dando o seu voto, entende que se deve estabelecer a socialização da terra, para que toda ela seja produtiva.

Também o sr. Botelho Moniz aplaude a tese em discussão, mas é contra a socialização da terra. O direito da propriedade não deve nunca ser alienado (1). Forças os proprietários a cuidarem das suas terras, auxiliando os que não tem meios para o fazer, e obrigando os que, tendo-os, se furtam a fazê-lo.

O sr. dr. Veloso de Araújo volta a defender com calor a idea da socialização da terra, com grandes aplausos do Congresso.

O sr. Mateus Ruivo, que se lhe segue no uso da palavra, aprova ferverosamente a tese, fazendo largas considerações sobre o cooperativismo.

O sr. Rodrigues Graça é contrario á certas afirmações do sr. Veloso de Araújo e o sr. Bernardino dos Santos faz objecções á tese, com a qual entretanto, concorda, afirmando-se comunista.

Falam ainda os srs. Barbosa e Vasconcelos, comunista-libertário, e José Rodrigues, sendo depois suspensa a sessão em vista do adiantado da hora. Eram 19,30.

### A sessão nocturna

#### A discussão do direito da propriedade agita a assembleia

A sessão nocturna abriu ás 22, tendo a palavra o dr. sr. Reis Santos, que começou por declarar que a sua tese era de orientação e como tal devia ser apreciada e discutida. É essa orientação a que deve responder-se. Serve ou não? Á assembleia que o diga. Como não atacaram a orientação da sua tese julga que o congresso a aceita como principio para se guiar.

O sr. Fernandes Alves, que se lhe segue, diz que todos acclamam mais ou menos a tese em discussão, que o orador também não critica, limitando-se a estranhar que não apresente conclusões. Responde ás objecções feitas pelo sr. Botelho Moniz, acerca do direito de propriedade, origem da escravidão humana. Defende com calor a teoria da socialização da terra.

O sr. Manuel José da Silva, do Porto, apresentou uma proposta, que foi aprovada por maioria, para que a mesa distribua o tempo de cada sessão pelo numero das teses a discutir e marque o tempo que cada tese deve ocupar e o que cada orador poderá falar.

O presidente consulta a assembleia sobre se concorda em que a cada tese seja consagrada meia hora e a cada orador cinco minutos. Assim se resolve.

O dr. sr. Rodrigues Pereira explica a sua presença dentro do movimento cooperativista. Não há ali monárquicos, nem republicanos, nem socialistas, nem anarquistas; há cooperativistas.

Pede mais uma vez á assembleia que ponha de parte quaisquer preocupações politicas e cure unicamente de cooperativismo.

O dr. sr. Andrade Saraiva, por parte da Cooperativa dos Funcionários Públicos, ataca os especuladores e aplaude a tese.

Pelo sr. Teles é apresentada uma moção concordando com a orientação da tese do dr. sr. Reis Santos, e agitando a discussão das restantes teses para serem apresentadas ás suas conclusões e entram em discussão novas teses.

Resolve-se por proposta do sr. Amílcar Costa, que fiquem destacados os delegados que tem direito a voto.

O aspecto económico do cooperativismo

É apresentada em discussão a matéria da II secção do Congresso — Organização interna do Cooperativismo — 1.ª tese. O cooperativismo sob o aspecto económico, do qual é relator o sr. Polibio Artur Garcia.

As suas conclusões são as seguintes:

1.º O Cooperativismo corresponde a uma necessidade económica;

2.º O cooperativismo é um modo regular de enriquecimento dum país;

3.º As cooperativas de consumo realizam do modo mais eficaz a normalização dos preços pela regularização da concorrência e afastamento do intermediário;

4.º As cooperativas de compras de terrenos e edificação de casas servem entre nós um auxilio eficaz de resolver o momento problema da falta de casas;

5.º O cooperativismo agrário conciliando a pequena propriedade com a grande cultura, unindo os convenientes dum aos de outra sem partilhar os inconvenientes de ambas, contribui poderosamente para a resolução do problema agrário;

6.º Dos sistemas de vendas das cooperativas de consumo a experiência mostra que entre nós é melhor o que vende o produto por um preço pouco inferior ao preço do mercado e distribuindo depois uma pequena percentagem dos lucros proporcionalmente ás compras;

7.º O cooperativismo longe de caminhar totalmente o comércio e a industria deve concorrer com elles no aperfeiçoamento da civilização.

## ÚLTIMAS NOTÍCIAS

### COMUNICAÇÕES

Federação Mobilíaria—Conselho Federal.—Em sua ultima reunião, foi apreciada a situação dos delegados da Associação dos O. da Mobilíaria de Viseu em reunião de trabalho, sendo resolvido que o secretário officie áquelas camarádas para que tal não continue succedendo.

Poi também apreciada uma carta do camarada Firmino João Duarte, vogal da comissão administrativa desta organização, na qual, por motivos de força maior, pedia a substituição do referido cargo, conselho, depois de largamente discutido, este assumto resolveu substituir a sua demissão, nomeando para o substituir o camarada José Miranda.

Atendendo ao estado precario de saúde em que se encontra o camarada Alfredo Marques, delegado desta organização a C. G. T. resolveu o conselho nomear em sua substituição o camarada João Humberto Matias, que exerce essa representação temporariamente até que a saúde daquele camarada lhe permita voltar á actividade sindical.

Para elaborar as bases em que assentará a representação a dirigir ao respectivo município sobre a pretendida exportação de madeiras na parte que mais afecta esta industria, ficou incumbida uma comissão que apresentará o resultado dos seus trabalhos; em vista do adiantado da hora, foi encerrada a sessão que proseguirá num dos dias proximos seguintes.

Comissão administrativa.—Esta comissão lembra a conveniência de todos organismos aderentes responderem ao questionário que lhes foi enviado, o que deverá fazer o mais breve possivel, devendo o questionário vir devidamente preenchido e chancelado com o respectivo carimbo do organismo.

S. U. Mobilíario—Comissão de Melhoramentos.—Reuniu esta comissão occupando-se da distribuição das circulares aos delegados do Conselho de Curules Valsos, reclamando o horário de 8 horas para a actual especialidade. Foi elaborada a lista de delegados a distribuir para a proxima terça-feira.

As camarádas desta especialidade devem estar alertas e aguardar as instruções desta comissão.

Convocações

Federação Orlícolica.—Reúne amanhã, pelas 11 horas, para tratar de varios assumtos, sendo indispensavel a comparência de todos os delegados.

S. U. da Construção Civil.—1.ª Secção da Bolsa.—Esta secção previne os camaradas serventes Joaquim Luis, Francisco Henriques, Jerónimo da Graça e Francisco Baptista, para effectos de collocação, a comparecerem hoje, pelas 14 horas.

Operários Confeiteiros e Pastelheiros.—Reúne hoje, ás 21 horas, a assembleia geral para tratar de varios assumtos de conta e occupar-se de outros assumtos de interesse.

Festas associativas

Grémio de Instrução Liberal

Para comemorar o seu 11.º anniversario realizam ontem esta benemerita instituição, o Grémio de Instrução Liberal, e os seus serviços tem prestado á causa da instrução popular, uma festa que começou por uma visita dos alunos, os corpos gerentes, e os professores.

Na tarde, houve um jantar com o Sr. Augusto Cesar dos Santos, representante da variação municipal, e na qual usaram da palavra os srs. dr. Carneiro de Moura, Pereira Maria, António Abrantes e Francisco Crispa.

Em seguida foi aberta a lotaria de 1.º e 2.º prêmios, e a Sociedade Alunos de Apolo, que foi muito aplaudida pela enorme concorrência, que á benemerita instituição foi comprando o seu auxilio, esgotando quasi por completo as rifas do estatuto e bem fornecido bazar.

As festas continuam amanhã, com a quemest e colatário, e a saída de sapadores de Caminhos de Ferro.

Na tarde, houve uma sessão solene, a que presidia, por convite do Grémio, o sr. Augusto Cesar dos Santos, representante da variação municipal, e na qual usaram da palavra os srs. dr. Carneiro de Moura, Pereira Maria, António Abrantes e Francisco Crispa.

Em seguida foi aberta a lotaria de 1.º e 2.º prêmios, e a Sociedade Alunos de Apolo, que foi muito aplaudida pela enorme concorrência, que á benemerita instituição foi comprando o seu auxilio, esgotando quasi por completo as rifas do estatuto e bem fornecido bazar.

As festas continuam amanhã, com a quemest e colatário, e a saída de sapadores de Caminhos de Ferro.

Na tarde, houve uma sessão solene, a que presidia, por convite do Grémio, o sr. Augusto Cesar dos Santos, representante da variação municipal, e na qual usaram da palavra os srs. dr. Carneiro de Moura, Pereira Maria, António Abrantes e Francisco Crispa.

Em seguida foi aberta a lotaria de 1.º e 2.º prêmios, e a Sociedade Alunos de Apolo, que foi muito aplaudida pela enorme concorrência, que á benemerita instituição foi comprando o seu auxilio, esgotando quasi por completo as rifas do estatuto e bem fornecido bazar.

As festas continuam amanhã, com a quemest e colatário, e a saída de sapadores de Caminhos de Ferro.

Na tarde, houve uma sessão solene, a que presidia, por convite do Grémio, o sr. Augusto Cesar dos Santos, representante da variação municipal, e na qual usaram da palavra os srs. dr. Carneiro de Moura, Pereira Maria, António Abrantes e Francisco Crispa.

Em seguida foi aberta a lotaria de 1.º e 2.º prêmios, e a Sociedade Alunos de Apolo, que foi muito aplaudida pela enorme concorrência, que á benemerita instituição foi comprando o seu auxilio, esgotando quasi por completo as rifas do estatuto e bem fornecido bazar.

As festas continuam amanhã, com a quemest e colatário, e a saída de sapadores de Caminhos de Ferro.

Na tarde, houve uma sessão solene, a que presidia, por convite do Grémio, o sr. Augusto Cesar dos Santos, representante da variação municipal, e na qual usaram da palavra os srs. dr. Carneiro de Moura, Pereira Maria, António Abrantes e Francisco Crispa.

Em seguida foi aberta a lotaria de 1.º e 2.º prêmios, e a Sociedade Alunos de Apolo, que foi muito aplaudida pela enorme concorrência, que á benemerita instituição foi comprando o seu auxilio, esgotando quasi por completo as rifas do estatuto e bem fornecido bazar.

As festas continuam amanhã, com a quemest e colatário, e a saída de sapadores de Caminhos de Ferro.

Na tarde, houve uma sessão solene, a que presidia, por convite do Grémio, o sr. Augusto Cesar dos Santos, representante da variação municipal, e na qual usaram da palavra os srs. dr. Carneiro de Moura, Pereira Maria, António Abrantes e Francisco Crispa.

Em seguida foi aberta a lotaria de 1.º e 2.º prêmios, e a Sociedade Alunos de Apolo, que foi muito aplaudida pela enorme concorrência, que á benemerita instituição foi comprando o seu auxilio, esgotando quasi por completo as rifas do estatuto e bem fornecido bazar.

As festas continuam amanhã, com a quemest e colatário, e a saída de sapadores de Caminhos de Ferro.

Na tarde, houve uma sessão solene, a que presidia, por convite do Grémio, o sr. Augusto Cesar dos Santos, representante da variação municipal, e na qual usaram da palavra os srs. dr. Carneiro de Moura, Pereira Maria, António Abrantes e Francisco Crispa.

Em seguida foi aberta a lotaria de 1.º e 2.º prêmios, e a Sociedade Alunos de Apolo, que foi muito aplaudida pela enorme concorrência, que á benemerita instituição foi comprando o seu auxilio, esgotando quasi por completo as rifas do estatuto e bem fornecido bazar.

As festas continuam amanhã, com a quemest e colatário, e a saída de sapadores de Caminhos de Ferro.

Na tarde, houve uma sessão solene, a que presidia, por convite do Grémio, o sr. Augusto Cesar dos Santos, representante da variação municipal, e na qual usaram da palavra os srs. dr. Carneiro de Moura, Pereira Maria, António Abrantes e Francisco Crispa.

Em seguida foi aberta a lotaria de 1.º e 2.º prêmios, e a Sociedade Alunos de Apolo, que foi muito aplaudida pela enorme concorrência, que á benemerita instituição foi comprando o seu auxilio, esgotando quasi por completo as rifas do estatuto e bem fornecido bazar.

As festas continuam amanhã, com a quemest e colatário, e a saída de sapadores de Caminhos de Ferro.

Na tarde, houve uma sessão solene, a que presidia, por convite do Grémio, o sr. Augusto Cesar dos Santos, representante da variação municipal, e na qual usaram da palavra os srs. dr. Carneiro de Moura, Pereira Maria, António Abrantes e Francisco Crispa.

Em seguida foi aberta a lotaria de 1.º e 2.º prêmios, e a Sociedade Alunos de Apolo, que foi muito aplaudida pela enorme concorrência, que á benemerita instituição foi comprando o seu auxilio, esgotando quasi por completo as rifas do estatuto e bem fornecido bazar.

As festas continuam amanhã, com a quemest e colatário, e a saída de sapadores de Caminhos de Ferro.

Na tarde, houve uma sessão solene, a que presidia, por convite do Grémio, o sr. Augusto Cesar dos Santos, representante da variação municipal, e na qual usaram da palavra os srs. dr. Carneiro de Moura, Pereira Maria, António Abrantes e Francisco Crispa.

Em seguida foi aberta a lotaria de 1.º e 2.º prêmios, e a Sociedade Alunos de Apolo, que foi muito aplaudida pela enorme concorrência, que á benemerita instituição foi comprando o seu auxilio, esgotando quasi por completo as rifas do estatuto e bem fornecido bazar.

As festas continuam amanhã, com a quemest e colatário, e a saída de sapadores de Caminhos de Ferro.

Na tarde, houve uma sessão solene, a que presidia, por convite do Grémio, o sr. Augusto Cesar dos Santos, representante da variação municipal, e na qual usaram da palavra os srs. dr. Carneiro de Moura, Pereira Maria, António Abrantes e Francisco Crispa.

Em seguida foi aberta a lotaria de 1.º e 2.º prêmios, e a Sociedade Alunos de Apolo, que foi muito aplaudida pela enorme concorrência, que á benemerita instituição foi comprando o seu auxilio, esgotando quasi por completo as rifas do estatuto e bem fornecido bazar.

As festas continuam amanhã, com a quemest e colatário, e a saída de sapadores de Caminhos de Ferro.

Na tarde, houve uma sessão solene, a que presidia, por convite do Grémio, o sr. Augusto Cesar dos Santos, representante da variação municipal, e na qual usaram da palavra os srs. dr. Carneiro de Moura, Pereira Maria, António Abrantes e Francisco Crispa.

Em seguida foi aberta a lotaria de 1.º e 2.º prêmios, e a Sociedade Alunos de Apolo, que foi muito aplaudida pela enorme concorrência, que á benemerita instituição foi comprando o seu auxilio, esgotando quasi por completo as rifas do estatuto e bem fornecido bazar.

As festas continuam amanhã, com a quemest e colatário, e a saída de sapadores de Caminhos de Ferro.

Na tarde, houve uma sessão solene, a que presidia, por convite do Grémio, o sr. Augusto Cesar dos Santos, representante da variação municipal, e na qual usaram da palavra os srs. dr. Carneiro de Moura, Pereira Maria, António Abrantes e Francisco Crispa.

Em seguida foi aberta a lotaria de 1.º e 2.º prêmios, e a Sociedade Alunos de Apolo, que foi muito aplaudida pela enorme concorrência, que á benemerita instituição foi comprando o seu auxilio, esgotando quasi por completo as rifas do estatuto e bem fornecido bazar.

As festas continuam amanhã, com a quemest e colatário, e a saída de sapadores de Caminhos de Ferro.

Na tarde, houve uma sessão solene, a que presidia, por convite do Grémio, o sr. Augusto Cesar dos Santos, representante da variação municipal, e na qual usaram da palavra os srs. dr. Carneiro de Moura, Pereira Maria, António Abrantes e Francisco Crispa.

Em seguida foi aberta a lotaria de 1.º e 2.º prêmios, e a Sociedade Alunos de Apolo, que foi muito aplaudida pela enorme concorrência, que á benemerita instituição foi comprando o seu auxilio, esgotando quasi por completo as rifas do estatuto e bem fornecido bazar.

As festas continuam amanhã, com a quemest e colatário, e a saída de sapadores de Caminhos de Ferro.

Na tarde, houve uma sessão solene, a que presidia, por convite do Grémio, o sr. Augusto Cesar dos Santos, representante da variação municipal, e na qual usaram da palavra os srs. dr. Carneiro de Moura, Pereira Maria, António Abrantes e Francisco Crispa.

Em seguida foi aberta a lotaria de 1.º e 2.º prêmios, e a Sociedade Alunos de Apolo, que foi muito aplaudida pela enorme concorrência, que á benemerita instituição foi comprando o seu auxilio, esgotando quasi por completo as rifas do estatuto e bem fornecido bazar.

As festas continuam amanhã, com a quemest e colatário, e a saída de sapadores de Caminhos de Ferro.

Na tarde, houve uma sessão solene, a que presidia, por convite do Grémio, o sr. Augusto Cesar dos Santos, representante da variação municipal, e na qual usaram da palavra os srs. dr. Carneiro de Moura, Pereira Maria, António Abrantes e Francisco Crispa.

Em seguida foi aberta a lotaria de 1.º e 2.º prêmios, e a Sociedade Alunos de Apolo, que foi muito aplaudida pela enorme concorrência, que á benemerita instituição foi comprando o seu auxilio, esgotando quasi por completo as rifas do estatuto e bem fornecido bazar.

As festas continuam amanhã, com a quemest e colatário, e a saída de sapadores de Caminhos de Ferro.

Na tarde, houve uma sessão solene, a que presidia, por convite do Grémio, o sr. Augusto Cesar dos Santos, representante da variação municipal, e na qual usaram da palavra os srs. dr. Carneiro de Moura, Pereira Maria, António Abrantes e Francisco Crispa.

Em seguida foi aberta a lotaria de 1.º e 2.º prêmios, e a Sociedade Alunos de Apolo, que foi muito aplaudida pela enorme concorrência, que á benemerita instituição foi comprando o seu auxilio, esgotando quasi por completo as rifas do estatuto e bem fornecido bazar.

As festas continuam amanhã, com a quemest e colatário, e a saída de sapadores de Caminhos de Ferro.

Na tarde, houve uma sessão solene, a que presidia, por convite do Grémio, o sr. Augusto Cesar dos Santos, representante da variação municipal, e na qual usaram da palavra os srs. dr. Carneiro de Moura, Pereira Maria, António Abrantes e Francisco Crispa.

Em seguida foi aberta a lotaria de 1.º e 2.º prêmios, e a Sociedade Alunos de Apolo, que foi muito aplaudida pela enorme concorrência, que á benemerita instituição foi comprando o seu auxilio, esgotando quasi por completo as rifas do estatuto e bem fornecido bazar.

As festas continuam amanhã, com a quemest e colatário, e a saída de sapadores de Caminhos de Ferro.

Na tarde, houve uma sessão solene, a que presidia, por convite do Grémio, o sr. Augusto Cesar dos Santos, representante da variação municipal, e na qual usaram da palavra os srs. dr. Carneiro de Moura, Pereira Maria, António Abrantes e Francisco Crispa.

Em seguida foi aberta a lotaria de 1.º e 2.º prêmios, e a Sociedade Alunos de Apolo, que foi muito aplaudida pela enorme concorrência, que á benemerita instituição foi comprando o seu auxilio, esgotando quasi por completo as rifas do estatuto e bem fornecido bazar.